

Para Alex

Eu conheço a minha cólera, ela não me escapa [...] Mas nunca porei fim a meus fúnebres cantos e lamentos doloridos, enquanto o resplendente tremeluzir das estrelas ou esta luz eu contemplar [...] Pois se o infeliz morto jazer no pó e no nada, e os assassinos não pagarem o sangue com o sangue, todo o respeito pelo homem e todo o respeito pelos deuses se desvanecerá.

— *Electra*, Sófocles, traduzido a partir da tradução inglesa de Richard Claverhouse Jebb (1904) pelo Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca.

PRÓLOGO

ELECTRA

Micenas está em silêncio, mas não consigo dormir esta noite. Ao fundo do corredor, sei que o meu irmão terá empurrado os cobertores com os pés. Todas as manhãs, quando entro para o despertar, ele tem-nos num emaranhado selvagem sobre as pernas, como se estivesse a correr no sono. Talvez ele corra atrás do nosso pai, o homem que nunca conheceu.

Quando nasci, foi o nosso pai que me deu o nome. Deu-me o nome do Sol: ardente e incandescente. Tinha-me dito isso quando eu era uma menina: que eu era a luz da nossa família.

— A beleza da sua tia é famosa, mas a Electra é muito mais radiante do que ela. Trará mais glória à Casa de Atreu, minha filha.

E depois beijou-me a testa antes de me pôr no chão. Eu não me importava com as cócegas da sua barba. Acreditava no que ele dizia.

Ora, não quero saber da falta de pretendentes a clamar por mim na nossa sala do trono. Já tinha ouvido as histórias sobre a minha tia Helena, e nunca senti inveja. Vejam aonde a sua beleza a levou. Até uma cidade estrangeira que tem retido os nossos homens, já lá vão dez anos. Dez anos que vivi sem o meu pai, agarrando-me a cada vitória narrada por mensageiros que passam por Micenas. A notícia de cada triunfo provoca em mim uma onda de orgulho, de euforia, de que foi o meu pai, Agamémnon, que lutou durante tanto tempo,

e que reúne os seus homens para continuar a lutar até que as imponentes muralhas de Troia se desmoronem em escombros sob os seus pés conquistadores.

Vejo-o a toda a hora na minha mente. Como vai atacar os portões da cidade; como eles cairão acobardados aos seus pés finalmente. E depois de tudo isso, ele voltará para casa para mim. A sua leal filha, esperando aqui por ele, ano após ano.

Sei que algumas pessoas dirão que ele nunca amou os seus filhos, que não o poderia ter feito, tendo em conta o que fez. Mas lembro-me da sensação dos seus braços à minha volta e da batida constante do seu coração contra o meu ouvido, e sei que nunca haverá um lugar mais seguro para mim neste mundo do que esse.

Sempre quis crescer para ser a mulher que ele pensou que eu me tornaria, a mulher que poderia ter sido, se ao menos ele tivesse podido ficar. Estar à altura do nome que me deu.

Mais do que qualquer outra coisa, quero deixá-lo orgulhoso.

Algures neste palácio, não tenho dúvidas de que a minha mãe estará a vaguear, a olhar para a escuridão distante. Ela é sempre silenciosa, os pés macios almofadados em delicadas sandálias, cabelo atado para trás com fitas carmesim, perfumada com pétalas esmagadas e óleos perfumados, a sua pele polida brilhando ao luar. Não vou sair do meu quarto e arriscar encontrá-la. Em vez disso, levanto-me e caminho em direção à janela estreita cortada na pedra. Não espero ver nada quando descansar os meus cotovelos no peitoral e me inclinar para fora: nada, exceto talvez um punhado de estrelas. No entanto, enquanto observo, vejo um farol acender-se no topo de uma montanha distante, e, em resposta, outra luz, e depois outra, numa cadeia de fogo que salta em direção a Micenas. O coração bate-me forte no peito. Alguém lá fora está a enviar-nos um sinal. E só há uma coisa que todos nós esperamos ouvir.

Uma cintilação alaranjada espalha-se pelo céu enquanto outro farol se acende, ainda mais perto. As lágrimas começam a brotar-me

PRÓLOGO

dos olhos. Ao observar os faróis incrédula, sinto uma faísca acender-se dentro de mim, a deslumbrante compreensão do que isto significa.

Troia caiu.

O meu pai regressa a casa.